

O TRABALHO DAS PROFISSIONAIS DO SEXO

Bruna Luiza Schroeder¹; Caroline Forati Mendes²; Patrícia Becker³; Rafaela Henkes⁴;
Valquíria Frühauf Pereira⁵

Resumo: O presente ensaio abordará o universo de trabalho das Profissionais do Sexo. O objetivo é demonstrar que esta profissão deve ser reconhecida como qualquer outra, visto que ela também constitui a subjetividade de suas trabalhadoras, implica esforço físico e psíquico e envolve questões de prazer e sofrimento.

Palavras-chave: profissionais do sexo; prazer e sofrimento; trabalho;

Introdução

O presente ensaio abordará o universo de trabalho das Profissionais do Sexo. Inicialmente será apresentada a metodologia; após, traremos o resultado obtido a partir da pesquisa de campo realizada. Seguindo, discutiremos alguns aspectos teóricos relacionados ao histórico da profissão, bem como as relações de prazer e sofrimento que envolvem a referida categoria. O objetivo é demonstrar que o trabalho das Profissionais do Sexo deve ser reconhecido como qualquer outra profissão, visto que ele também constitui a subjetividade de suas trabalhadoras, implica esforço físico e psíquico e envolve questões de prazer e sofrimento, como veremos no decorrer deste trabalho.

Métodos

O trabalho contou com a realização de uma entrevista informal, não direcionada com uma profissional do sexo e a partir da mesma, construiu-se uma narrativa histórica e uma narrativa fotográfica sobre os aspectos que caracterizam a vida das profissionais em questão.

Resultados

A partir da entrevista realizada foi possível construir a narrativa histórica e a produção das fotografias que seguem:

Natasha, com 18 anos, separou-se do namorado com quem morava e sem ter para onde ir, os pais separados, um padrasto com quem tinha uma relação insustentável e o pai que a rejeitava, viu-se obrigada a viver em uma boate; lá encontrou moradia, alimentação e a segurança de que necessitava, iniciando a vida de profissional do sexo.

Após um ano na boate, conheceu um homem com quem namorou e passou a viver, engravidando de seu primeiro filho, que atualmente está com 18 anos. Depois de oito anos de união, as brigas, somadas a inconformidade por parte do marido com o passado da esposa, resultaram na separação, ainda que Natasha estivesse esperando o segundo filho.

¹ E-mail: bruna.lschroeder@hotmail.com

² E-mail: carolineforati@hotmail.com

³ E-mail: patriciaabecker@mx2.unisc.br

⁴ E-mail: rafaelah@mx2.unisc.br

⁵ E-mail: valquiria_tk@yahoo.com.br

Já sem a presença do padrasto, que outrora fora um empecilho em sua vida, começou a viver novamente com a sua mãe. Pressionada pela necessidade de sustentar os filhos e de ajudar a mãe com as despesas, acabou mudando de cidade para trabalhar novamente como “garota de programa”, deixando os filhos com a avó. Na época, Natasha, enviava boa parte do dinheiro para a sua mãe, proporcionando para essa e também para seus filhos uma boa vida.

Aos 34 anos, já de volta à sua cidade, engravidou novamente e logo após conheceu um homem, que acreditando ser o pai da criança esperada e desconhecendo a profissão de Natasha, casou-se com ela. O relacionamento durou dois anos, até que o marido descobriu, através da mãe da mulher, os fatos que desconhecia e não os aceitou, resultando assim na sua terceira separação.

Atualmente com 37 anos de idade, trabalha no turno da tarde, das 14h às 20h, e segue morando com a mãe, com a filha de três anos e o filho de dezoito.

Para Natasha, o início da profissão fora muito difícil, pois ela não tinha acesso às informações sobre a importância da prevenção de DST's, o dinheiro que recebia ficava com o seu chefe e não tinha autonomia para decidir se aceitava ou não os clientes. Hoje, já com algum tempo de profissão, esses fatores se modificaram, ela já recebe informações, se previne de forma adequada, sabe que o dinheiro é seu e tem um bom relacionamento com a sua chefia. Contudo, o tempo passou e a idade começou a prejudicar seu trabalho, uma vez que os clientes preferem mulheres mais jovens.

No momento, o fator que mais a faz sofrer é o relacionamento com os clientes, que são estúpidos e grosseiros, fazendo com que ela se sinta humilhada por causa da sua idade, pois fazem comparações acerca de serviços prestados, sobre o seu corpo e sobre valores a serem cobrados. Também sofre com o preconceito das pessoas, por exemplo, já foi impedida de abrir crediário em lojas quando relatou a sua profissão, pois achavam que ela não iria efetuar os pagamentos, obrigando-a, assim, a fazer as suas compras usando o crediário da mãe. Outro aspecto ruim são as críticas que recebe dessa mãe pelo fato de já não ganhar tanto dinheiro como antes, não podendo mais proporcionar o padrão de vida que a mãe um dia teve e quer voltar a ter.

No ambiente de trabalho, Natasha se relaciona bem com as colegas; conversar com elas, ouvir suas histórias é uma forma de aliviar seu sofrimento, embora por vezes surjam alguns problemas, como fofocas por exemplo.

Para ela, “a profissão é difícil, mas o dinheiro vem fácil”. Nunca fez uso de álcool, cigarro ou outras drogas, mas precisou tomar antidepressivo por dois anos e só conseguiu parar de usar o medicamento a partir de uma mudança de comportamento: ela, que sempre fora alegre e feliz, teve de assumir uma postura rígida e retraída para amenizar o seu sofrer. Acredita que na sua profissão é importante que se tenha uma “boa cabeça” para assim poder lidar com as dificuldades que surgem.



Discussão

O termo “prostituição” pode ser compreendido como a venda da prática sexual, visando normalmente vantagens financeiras e troca de favores. É comum ouvirmos a frase “A prostituição é uma das profissões mais antigas do mundo” e ela se confirma ao fazermos um apanhado histórico sobre o tema, pois já estava presente no século VI a.C., onde a prostituição era vista como um comércio. Porém, observa-se que no período da Revolução Industrial essa forma de trabalho aumentou na Europa, em decorrência da grande massa de imigrantes, da extrema pobreza instaurada e da promiscuidade que se organizou frente às aglomerações urbanas (AQUINO *et al*, 2010).

Em meados dos anos 1980 as “Profissionais do Sexo” iniciaram movimentos em todo o mundo, criando uma rede de engajamento político entre si que objetivava sustentar e fortificar a identidade profissional; elas desejavam ser reconhecidas como cidadãs, além de ter acesso à qualidade de vida. Outra causa pela qual lutavam é a diminuição da discriminação e estigma sobre a profissão. No ano de 2002 o Ministério do Trabalho reconheceu essa categoria como um tipo de trabalho informal, não possibilitando direitos trabalhistas às mesmas (AQUINO *et al*, 2010).

É possível notar o quão difícil é atuar como Profissional do Sexo, pois é uma profissão que envolve uma gama de dificuldades geradoras de sofrimento, dentre elas, o preconceito. Dejours (1993), concluiu que o trabalho que causa mais sofrimento do que prazer pode causar doenças psíquicas, caso o trabalhador não desenvolva estratégias para aliviar esse sofrimento. Então, a Profissional do Sexo, deve criar estratégias defensivas para conseguir um equilíbrio que a impeça de adoecer; essas podem ser individuais, como a adotada por Natasha em sua mudança de comportamento ou coletivas, como as conversas com as colegas.

O preconceito se estende há décadas em torno dessa profissão e é um dos fatores que desfaz o reconhecimento frente ao trabalho de mulheres que assim conseguem seu sustento. Sua falta pode gerar grande sofrimento, pois torna difícil manter-se saudável para o trabalho. Para Gernet (2010, p. 61) “a teoria do reconhecimento da Psicodinâmica do Trabalho pode ser identificada como o elo central na análise das relações entre saúde mental e trabalho”.

Conclusões

É importante destacar que mesmo frente a tantas dificuldades referentes ao preconceito que delinea a profissão, essas trabalhadoras possuem sonhos e desejos que merecem ser respeitados. O trabalho é fundamental na constituição da subjetividade de cada uma delas e, enquanto futuros profissionais da área da saúde é necessário que nos preocupemos com o sujeito que está diante de nós e com tudo aquilo que lhe gera sofrimento e não com o que dita a sociedade.

Por fim, que possamos reconhecer as Profissionais do Sexo, respeitá-las como uma categoria igual a todas as outras e que, como futuros psicólogos, saibamos romper com o tabu que cerca a profissão, podendo promover a saúde e a garantia de direito para estas trabalhadoras.

Referências bibliográficas

AQUINO, Priscila de Souza; XIMENES, Lorena Barbosa; PINHEIRO, Ana Karina Bezerra. *Políticas públicas de saúde voltadas à atenção à prostituta: breve resgate histórico*. *Enfermagem em Foco*, v. 1, n. 1, p. 18-22, 2010. Disponível em: <<http://www.rigys.org/estudio/0072.pdf>> Acesso em 20 out. 2015

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1993. 145 p.

ENTREVISTA COM UMA PROFISSIONAL DO SEXO. Santa Cruz do Sul 2015. Realizada em: 14 set. 2015.

GERNET, I. Psicodinâmica do reconhecimento. In: MENDES, A. M. (org). Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros. Curitiba: Juruá, 2010, p. 61 – 76.

TORRES, Gilson de Vasconcelos; DAVIM, Rejane Marie Barbosa and COSTA, Terêsa Neumann Alcoforado da. *Prostituição*: causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 1999, vol.7, n.3, pp. 9-15. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11691999000300003>> Acesso em 23 out. 2015.